

Entre prantos, possessões e mordidas: a questão religiosa em Ernesto De Martino

CRISTINA POMPA

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4961-8349>
pompa@unifesp.br

MARCUS VINÍCIUS RIOS BARRETO

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1741-5811>
marcusriosbarreto@gmail.com

A revista *Campos* hospeda neste número um dossiê dedicado ao antropólogo, filósofo e historiador das religiões italiano Ernesto De Martino (1908- 1965), uma figura central na história do pensamento europeu do século XX, quase desconhecida no Brasil. De Martino é um autor extraordinariamente complexo e praticamente inesgotável, cuja profundidade teórica e metodológica é dificilmente alcançável – ou, até mesmo, pouco compreensível – numa época de classificações acadêmicas e de separações disciplinares. É difícil enquadrar o trabalho de De Martino em um âmbito disciplinar específico, embora ele tenha transitado por vários deles, deixando uma marca profunda: da filosofia à psicanálise, da história das religiões à etnologia, até áreas movediças, como a metapsíquica e a psicologia paranormal.

Apresentar Ernesto De Martino, portanto, é extremamente árduo, mas também desafiador, na medida em que em seu trabalho encontram-se intuições e antecipações de reflexões muito recentes na antropologia. Entre elas estão o questionamento do próprio conceito de realidade, a crítica à arrogância ocidental que assume como dogma a objetividade da natureza, o caráter de construção históricas das nossas categorias analíticas, a perspectiva gramsciana no estudos dos fenômenos mágico-religiosos populares em termos de tensão entre hegemônico e subalterno, a centralidade do corpo, a importância dos objetos na análise cultural, a questão da performatividade, embora ele não tenha usado, evidentemente, este termo.

Já isso seria suficiente para justificar a aproximação a um autor falecido há mais de 60 anos, aproximação – ou reaproximação – em curso não apenas na antropologia italiana, mas também na francófona e anglófona. Na França, além da tradução e da reorganização de *La fine del mondo*, em 2016 (ver o artigo de Cristina Pompa, neste volume), saíram no ano passado as traduções de *Morte e pianto rituale nel mondo antico* (De Martino, 2022a) e de *Il mondo magico* (De Martino, 2022b). Nos Estados Unidos, a publicação, em 2015, de *Magic: a theory from the South* (De Martino, 2015), tradução de *Sud e magia*, de 1959, marca o reconhecimento da contribuição de De Martino no campo dos estudos pós-coloniais, dos *cultural studies* e dos *subaltern studies*. De resto, já a partir da década de 1990, a antropologia americana, em sua guinada fenomenológica e reflexiva, descobriu De Martino (Saunders, 1993), e a tradução americana de *La terra del rimorso*, de 2005, ganhou a introdução de Vincent Crapanzano (De Martino, 2005). Também, numerosos livros e artigos foram dedicados ao autor nos últimos anos na Europa e nos Estados Unidos.

Mas não se trata aqui de acompanhar as tendências do *mainstream* antropológico, nem de homenagear uma figura importante e pouco conhecida no panorama do século XX, conforme a recente redescoberta das antropologias “periféricas”. Trata-se, antes, de conhecer uma abordagem teórica e metodológica original, surgida em um tempo e um lugar específicos e, portanto, em alguns aspectos necessariamente ultrapassada (como no uso indiscriminado do termo “primitivo”, por exemplo), mas ainda substancialmente válida para pensar problemas contemporâneos.

Presença: entre Filosofia, História e Psicanálise

Um dos méritos maiores de De Martino é a criação desse novo saber, fruto do encontro de disciplina diversas (etnologia, filosofia, história das religiões, psiquiatria e psicanálise), mas todas ligadas por uma perspectiva comum: a perspectiva histórica, que se coloca como objeto privilegiado o homem em seu fazer histórico e em seu esforço cultural de garantir sua “presença” no mundo, frente aos riscos permanentes – diferente conforme as civilizações históricas – de “não ser”, ou “não ser mais”. E justamente a comparação histórica entre civilizações, do mundo clássico à etnologia, é o método que De Martino utiliza, com o objetivo de colocar em discussão a própria civilização ocidental e seus produtos culturais. Vale lembrar que o uso do termo “civilização”, em lugar de “cultura”, define uma posição crítica do autor em relação ao relativismo cultural da escola boasiana. Da mesma forma, é preciso lembrar que De Martino usou muito raramente o termo “antropologia”, preferindo o de “etnologia”, ou “história das religiões”, para marcar seu distanciamento, seja da antropologia física, dominante na Itália na época, seja da antropologia social e cultural, definidas por ele como disciplinas “naturalísticas”, e não históricas.

Na impossibilidade de enfrentar aqui a relação de De Martino com a cultura do seu tempo, a complexidade de seu pensamento e as diversas polêmicas que ele sustentou com as escolas antropológicas de seu tempo (temas trabalhados de forma mais ampla e aprofundada em um artigo recente (Pompa, 2022), nossas observações introdutórias limitar-se-ão a algumas questões de ordem epistemológica e metodológicas.

Do ponto de vista epistemológico, De Martino torna-se uma leitura estimulante no momento atual, em que a antropologia reestabelece e consolida um diálogo intenso com a filosofia, diálogo que, embora as linhas de pensamento filosófico sejam constitutivas da própria disciplina, foi sempre difícil, quase por medo da antropologia de cair numa dimensão metafísica e perder a concretude do objeto de análise, como observou Roberto Cardoso de Oliveira (1977). São exemplos dessa reaproximação: a presença do pensamento deleuziano na reflexão antropológica contemporânea, ou a aproximação da antropologia de Tim Ingold à fenomenologia via Merleau-Ponty, ou a interlocução da etnologia de hoje com a filosofia da ciência de Isabelle Stengers e Bruno Latour, apenas para nos atermos a exemplos bem conhecidos no Brasil contemporâneo. Se esse diálogo se caracteriza como algo inovativo para a antropologia, é quase desconcertante descobrir como De Martino, desde os anos 1940, construía as bases para sua antropologia na Itália justamente a partir da reflexão filosófica do idealismo historicista de Benedetto Croce e do existencialismo de Heidegger e Jaspers.

No que diz respeito ao método, há, de saída, pelo menos dois elementos que fazem de De Martino, *mutatis mutandis*, quase um antecipador de preocupações contemporâneas: a questão da materialidade – mais desenvolvida nas pesquisas etnográficas do sul da Itália – e a questão da corporalidade, que perpassa toda a obra do etnólogo italiano, embora ele não use este termo. Essas questões são hoje centrais para a antropologia que se ocupa de religião no Brasil, tanto na crítica às limitações do conceito levi-straussiano de “eficácia simbólica” (Tavares & Bassi, 2012) e no foco na centralidade da cura e na adesão ao paradigma da corporalidade de Thomas Csordas (2008), quanto na atenção às formas materiais de produção da experiência religiosa (Menezes & Toniol, 2021), que tem sua inspiração no trabalho de Birgit Meyer (2019).

O centro de toda a reflexão de Ernesto De Martino é a história, vista pela lente do historicismo idealista de Benedetto Croce, enriquecido sucessivamente pela reflexão gramsciana: nesta visão, a história não é sucessão de acontecimentos, e sim valorização cultural dos fatos. E esta centralidade da abordagem histórica aos fatos culturais leva o autor não apenas a historicizar seu objeto, mas também as categorias analíticas: desde a década de 1940, na crítica à fenomenologia religiosa e à primazia etnocêntrica do conceito de crença, por exemplo, podemos encontrar uma antecipação da crítica de Talal Asad à essencialização e à universalização da religião feita por Geertz (Asad, 2010[1993]). Este mesmo esforço de historização leva De Martino a questionar a própria noção de realidade objetiva e natural (ele usa o termo “dada”) do Ocidente moderno. Para ele, tal noção nasceu na polêmica antimágica dos séculos XVI e XVII, entregando à “ciência” a tarefa de explicar a realidade natural e atribuindo aos devaneios da “magia” as concepções diversas do mundo, que implicam a possibilidade da modificação humana da realidade “dada”. Não podemos deixar de notar aqui uma certa semelhança com a discussão contemporânea a respeito da pretensa objetividade do mundo natural. Ernesto De Martino colocou-se essas questões há décadas, mas mais do que procurar “antecipações” de discussões contemporâneas, trata-se, aqui, de identificar a possível contribuição teórico-metodológica do autor italiano para os problemas contemporâneos que a antropologia enfrenta.

Chegamos, assim, ao problema que De Martino enfrentou desde a década de 1940: o papel do simbolismo mítico-ritual no controle do risco de “perda da presença”, em outros termos, a relação entre crise (psíquica) e resgate (cultural). É consenso atribuir a origem do conceito de presença ao *Dasein*

heideggeriano (ver o artigo de Simone Capozzi, neste volume): o ser-aí, estar no mundo. Nos textos mais propriamente antropológico e etnográficos, ele define a presença como “potência individuante”, ou objetivante, capacidade de agir contra o risco de ser agido. Outra expressão é *ethos do transcendimento*, que não se refere à transcendência, mas sim à ideia de transcender situações críticas que se dão sem ou contra o homem, e replasmá-las conforme valores culturais, coletivos, intersubjetivos.

Entra aqui a dialética presença- crise- resgate. A presença, entendida como poder de individuação, de ser sujeito, não está dada de antemão, pelo menos não em todas as culturas e todas as sociedades e em todos os momentos históricos: a presença no mundo e o próprio mundo são realidades a construir (ele diz “realidade condenda”, do latim *condere* = fundar), frente ao risco permanente de se perder e, portanto, perder o mundo, risco esse determinado por condições históricas específicas. Ser-aí é estar na história onde se dá o trabalho de pensar, agir, sentir e, talvez acima de tudo, “distinguir” segundo formas e valores culturais. Nos momentos críticos da existência, a cultura (as civilizações) predispõe mecanismos de controle e de superação segundo “formas de coerência cultural”. E o simbolismo mítico-ritual (ele usa muito mais frequentemente este termo do que o de religião) é precisamente o instrumento de suspensão, controle e replasmação da crise. Crise que é individual enquanto condição existencial, mas é coletiva também, principalmente nas sociedades tradicionais. Quais são essas crises? São crises pessoais e crises cósmicas, aquelas que Lévi-Strauss identificou ao trabalhar a eficácia simbólica (não por acaso, enquanto De Martino recusa o estruturalismo lévi-straussiano por ser a-histórico ou anti-histórico, cita várias vezes “a eficácia simbólica”). Em geral, trata-se de experiências de sofrimento, de angústia: o luto, o medo, a fadiga, que desembocam na crise psicopatológica, aquela que no mundo moderno é definida como neurose, manifestada na sensação de perda do mundo e de perda de si, na não objetivação do mundo, enfim, na experiência de não poder “agir”, mas de “ser agido”. E nesse sentido De Martino se utiliza das narrativas psiquiátricas, não para assimilar o religioso ao psicótico – como fazia uma parte da literatura sociológica da época – mas para identificar que tipo de crise é aquela que o simbolismo mítico-ritual controla e resolve.

Como funciona esse dispositivo? Aqui é preciso introduzir outro conceito central, inserido nesta dialética crise da presença- resgate cultural. É o conceito de “de-historificação”. O momento crítico tem que ser de-historificado, retirado do fluir do devir: a história tem que ser suspensa, interrompida, de forma institucionalizada, ou seja, sai-se da história conforme modelos pré-definidos, aceitos e consagrados pela tradição. Nesse tempo suspenso, que De Martino chama “regime protegido”, repete-se o modelo mítico, o *exemplum*, o protótipo da resolução. E isso vale desde a fórmula mágica para a cura de determinado problema de saúde, quando por exemplo são repetidas palavras ou lembrados gestos prototípicos da vida dos ancestrais míticos ou – no caso do catolicismo popular – dos santos, ou os rituais de ano-novo que repetem o início, os rituais agrícolas para propiciar a colheita, que repetem os gestos do herói que ensinou a plantar, até o modelo do sacrifício de Cristo e de sua ressurreição como exemplo de superação da morte na liturgia cristã. O resgate, então, é visto como “já dado”, já acontecido, e a crise já resolvida exemplarmente no tempo do mito. Aí se resolve miticamente a crise porque o sofrimento é replasmado ritualmente dentro de um horizonte mítico (daí a noção de simbolismo

mítico-ritual). Com o fechamento do rito, reabrem-se a história profana e seus valores, com a presença reforçada, revigorada, garantida pela reiteração do modelo meta-histórico.

Então, a simbologia religiosa é uma técnica. De Martino repete várias vezes esta afirmação: técnica de proteção da presença contra o risco de não ser no mundo. Isso não implica uma visão utilitarista; ao contrário, a ideia da técnica como momento mediador da afirmação de valores sociais impede uma visão restrita e banalizada. Podemos dizer que de certa forma essa noção de técnica remete àquilo que hoje se chama performatividade.

Na chamada “trilogia meridionalistas”, as três obras dedicadas à etnografia dos rituais camponeses do sul da Itália (ver o artigo de Marcus Barreto e Hugo Soares, neste volume), estes dispositivos mítico-rituais são analisados em profundidade, mostrando como a técnica ritual marca para operadores e participantes um rebaixamento dos níveis de consciência de vigília, mediante cantos, danças, cores, cheiros, ladainhas repetidas, movimentos ritmados, de maneira a estabelecer um estado de comunicação com o inconsciente. As técnicas de de-historificação são mecanismos que levam a um estado entre o sono e a vigília, um estado hipnótico: é neste estado de semiconsciência, que frequentemente imitam o estado de crise, mas de forma institucionalizada, codificada, modelada, que a crise pode ser controlada e, com isso, podem ser recuperados memórias e valores, coletivos. No ritual, a crise é performatizada: o “atarantado” dança imitando os movimentos descontrolados da crise psicótica, o enlutado (ver o artigo de Silvia Mancini, neste volume) imita institucionalmente a crise de choro e desespero, o enfeitado imita a “amarração” com cordas verdadeiras. É central, portanto, a distinção entre “de-historificação irrelativa” e “de-historificação” institucional. A primeira indica a perda da dimensão histórica e da capacidade de objetivação do real, sem possibilidade de resgate cultural, enfim, é a “perda da presença”, cair no nada, perder o mundo. A segunda é o dispositivo cultural – variável conforme as sociedades, as épocas históricas e os “regimes de existência” em que indivíduos e grupos experimentam diferentes tipos de crises –, dispositivo que permite controlar a crise, recuperar simbolicamente a relação com o mundo e reabrir a consciência à vida cultural e à história.

Nesta introdução, apontamos apenas para a temática definida pela dialética crise/resgate porque, além das “antecipações” listadas no começo, parece-nos que a abordagem demartiniana da religião enquanto “técnica” de resgate da crise pode ser interessante para pensar alguns fenômenos religiosos contemporâneos no Brasil. A proposta de deixar de observar os fatos priorizando a questão da crença e focando a questão das práticas rituais, dos corpos e dos objetos que as compõem, pode lançar uma nova luz sobre aquilo que já foi chamado de “reencantamento do mundo”, volta do religioso, trânsito religioso e assim por diante. É bastante evidente que as adesões contemporâneas ao que chamamos de “religioso” dizem fundamentalmente respeito a práticas que implicam em medida maior ou menor os chamados estados alterados de consciência, estados hipnóticos dentro dos moldes preestabelecidos, enfim, o transe. Além das práticas que tradicionalmente implicam transe, como o espiritismo ou os cultos afro, podemos pensar nos exorcismos, nos descarregos, ou, mais em geral, nos rituais de louvor das igrejas neopentecostais que ganham cada vez mais fiéis, na Renovação Carismática e seus rituais de cura, no neoxamanismo *new age* e o uso de psicoativos que provocam estados de alteração neurosensorial. Deste ponto de vista, perdem relevância as discussões sobre as múltiplas pertencas e as idas e voltas entre diferentes “credos”, tão características das práticas religiosas no Brasil, na medida em que certas

estruturas rituais são análogas, como já foi notado (Almeida, 2003) e visam a recuperação do equilíbrio psicocorporal entre o eu e o mundo, enfim, a demartiniana “presença”.

O Dossiê

O conjunto de textos que apresentamos neste Dossiê não representa a primeira introdução das ideias de Ernesto De Martino no cenário acadêmico brasileiro¹, mas, inegavelmente, amplia de maneira consistente o conhecimento de suas obras, constituindo um trabalho de fôlego, embora necessariamente incompleto. Este trabalho é o resultado de uma reflexão coletiva, iniciada há mais de dez anos, no grupo de pesquisa *Antropologia e história das Religiões no século XX*, coordenado por Cristina Pompa e Adone Agnolin e que prossegue, desde o ano passado, com o projeto internacional *Crise da Presença e reintegração religiosa: atualidade de Ernesto De Martino*, do qual participam vários pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, alguns dos quais estão presentes neste volume. Os artigos, traduções e resenhas selecionados para o Dossiê são o resultado do encorajamento e interesse despertados em antigos e atuais orientandos e pesquisadores, que reconhecem em De Martino uma abordagem potente e original da questão religiosa, e não só. Por isso, os vários textos retomam frequentemente temas e conceitos, ajudando a esclarecê-los, de pontos de vistas diferentes porque diferentes, como vimos, são as orientações e os estímulos teóricos de De Martino e dos autores dos textos: a antropologia, a filosofia, a história das religiões.

Na seção de artigos, o texto de Cristina Pompa “O fim do mundo segundo Ernesto De Martino” analisa a obra *La fine del Mondo – contributo all’analisi delle apocalissi culturali*, que o autor italiano começou a escrever no final dos anos 1950, mas que, em virtude de seu falecimento, acabou sendo publicada postumamente. Nesta obra, De Martino discute o tema do Fim do Mundo, por um lado, recuperando o horizonte histórico que evidencia a ideologia escatológica protocristã como o marco do surgimento desse tópico no Ocidente. Ao mesmo tempo, ele situa a questão da finitude sob uma perspectiva etnopsiquiátrica, associando os produtos culturais relativos ao fim do mundo à experiência psíquica de “perda da presença”, e analisando como essa ideia foi ritualmente elaborada pelos movimentos proféticos e milenaristas dos povos oprimidos, assim como na chamada “literatura da crise” do pós-guerra europeu. No entender de Pompa, De Martino reflete sobre os significados dos apocalipses em vários momentos e lugares, trazendo a análise antropológica para o coração da própria cultura ocidental.

Hugo Ricardo Soares e Marcus Vinícius Barreto em “Lamento, amarração e tarantismo: contribuições da teoria de Ernesto De Martino às pesquisas sobre religiões populares no Brasil”, como o próprio título sugere, aventam colocar as interpretações demartinianas sobre a religiosidade popular do sul da Itália – campo empírico do etnólogo – em proveito de uma leitura crítica das pesquisas realizadas no contexto brasileiro. Assim, a despeito dos limites desta aproximação, os autores veem similaridades e divergências entre a obra de De Martino e a literatura antropológica que se dedicou às religiões populares no Brasil.

1 Precisamos fazer jus ao pioneirismo de Liana Trindade, cujo livro, *Ernesto De Martino: resistência e magia no Sul da Itália*, que foca especificamente as etnografias meridionalistas do autor, infelizmente já está fora de circulação (Trindade, 2015). Outras breves referências estão inseridas em geral em trabalhos de história das religiões (principalmente Massenzio, 2005 e Agnolin, 2013), de antropologia ou socio-logia da religião, de história social e de etnopsiquiatria.

Para Soares e Barreto, tanto De Martino quanto os pesquisadores brasileiros compreendem a noção de “popular” segundo a designação de classe social tal como formulada por Antonio Gramsci. No entanto, ao passo que, na Itália, De Martino analisa a questão tomando a dimensão ritual das práticas em perspectiva histórica, e dando ênfase aos mecanismos de proteção e resgate, no Brasil, os antropólogos tratam a religiosidade popular enaltecendo a dimensão discursiva e procurando compreender, de maneira sincrônica, as relações sociais e de poder, assim como a ideia de “crença” – bastante criticada pelo intelectual italiano.

No texto “Ernesto De Martino: a “vocação” antropológica de um historiador das religiões”, Nicola Gasbarro compreende a dupla filiação de De Martino, a de historiador das religiões e a de etnólogo, como um percurso metodológico encontrado pelo intelectual para formular o conceito de “crise da presença”, categoria analítica substancial de seus trabalhos. De acordo com Gasbarro, esse conceito resulta do exercício interdisciplinar mediante o qual De Martino elege duas máximas do ethos ocidental: a noção cristã do pecado original, por um lado, e a finitude da história, por outro, comparando-as sistematicamente.

Deste modo, De Martino interpreta os dramas da existência humana, colocando em relação o historicismo e o existencialismo, bem como as várias formas religiosas de salvação, e transforma a consciência da crise e do resgate em objeto de interesse antropológico diante da possibilidade do fim das culturas. Ainda com base nas ideias de De Martino, Gasbarro mostra o caráter profundamente antropológico da vertente italiana – laica e historicista – da história das religiões, pouco conhecida no Brasil, onde predomina a vertente fenomenológica desta disciplina, ligada sobretudo ao nome de Mircea Eliade.

Sergio Botta, em “El chamanismo como categoría analítica problemática en Ernesto De Martino”, analisa a definição de xamanismo nas formulações teóricas da *Escola Italiana de História das Religiões*, com particular atenção à maneira pela qual De Martino apropriou-se dessa categoria para refletir sobre o magismo. Primeiramente, Botta investiga como a questão xamânica foi abordada por Raffaele Pettazzoni, fundador da Escola. Na sequência, concentra-se nas discussões que De Martino propõe quando dialoga com as obras de Sergei Shirokogoroff e Mircea Eliade. Finalmente, tenta elaborar uma nova definição de xamanismo à luz da perspectiva histórico-religiosa.

Simone Capozzi, no artigo “Techniques of presence. Beyond presence and its crisis”, apresenta uma reflexão propriamente filosófica a respeito das noções “presença” e “crise da presença”, e das correntes teóricas que influenciaram De Martino na definição e redefinição permanente desse conceito central: da unidade da apercepção kantiana até o *Dasein* da fenomenologia existencialista. As noções de “hábito”, “uso” e “domesticidade”, particularmente enfatizadas nos últimos escritos filosóficos de De Martino, são a chave a partir da qual Capozzi mostra a transformação do conceito de “presença” para o de “presentificação”. Esse termo e esse conceito esclarecem o fato de que a relação eu/mundo é uma relação dialética, de reciprocidade, e não de oposição binária, como na filosofia clássica, algo a ser construído permanentemente, a partir de técnicas específicas, aqui recuperando o trabalho de Marcel Mauss.

De técnicas fala também o artigo de Silvia Mancini, uma das maiores especialistas na obra de De Martino, que, no texto “La deploración ritual, o del uso estratégico de los estados hipnóticos en la crisis del duelo”, concentra-se na análise que o autor propõe sobre as práticas relacionadas à morte a exemplo do tratamento ritual do lamento fúnebre na história da civilização meridional. Nessa linha de raciocínio, Mancini chama a atenção para duas modalidades de gestão simbólica do lamento na região do Mediter-

râneo: a pagã – das instituições mítico-rituais politeístas – e a cristã – da ideologia monoteísta de salvação da alma no cessar da vida biológica. O ponto central para De Martino diz respeito ao cristianismo, que estabeleceu uma contraposição entre essas modalidades, ao rejeitar a tradição meridional em face dos estados hipnóticos ou dissociativos desencadeados pelo pranto: técnica desenvolvida por essa mesma tradição e cuja finalidade é reintegrar os vivos acometidos pelo sofrimento perante a morte dos entes.

Finalmente, o artigo de Tomás Tassinari, “Carlo Ginzburg, leitor de Ernesto De Martino: aproximações e distanciamentos”, chama a atenção para a dívida que Carlo Ginzburg, figura central da história cultural, e muito conhecida no Brasil, tem com Ernesto De Martino. Tal dívida é amplamente declarada pelo próprio Ginzburg em vários dos seus trabalhos, principalmente nos primeiros, dedicados ao estudo de documentos inquisitoriais sobre as práticas de feitiçaria no século XVI. No entender de Tassinari, a aproximação entre ambos os pensadores reside na importante reflexão antirrelativista, embora fundada nos limites epistemológicos do etnocentrismo. Todavia, De Martino e Ginzburg divergem quando definem a realidade e o sentido histórico dos poderes mágicos.

Amélie Stuby contribui com a resenha de *La terra del remorso*, etnografia publicada originalmente em 1961. Esse texto é o resultado da pesquisa de De Martino sobre o tarantismo apuliano – no sul da Itália – a partir de documentos que, desde o século XVII, relatam os estados catatônicos resultantes da suposta mordida de uma aranha mítica, a “tarântula”. Além das fontes documentais, suas observações também são devedoras do trabalho de campo realizado na região da Apúlia, onde De Martino etnografou o complexo ritual dos “atarantados” baseado em música, dança, objetos e cores, para resolver a crise psíquica frequente em determinados momentos da vida rural, como a colheita. Vale lembrar que *A terra do remorso*, tradução para o português da obra, está sendo finalizada e será publicada ainda neste ano.

As Traduções

A seção das traduções é a parte mais complexa e desafiadora do dossiê. Trata-se, com efeito, das primeiras traduções para o português de importantes textos teóricos do autor, e o desafio consiste principalmente em tornar acessíveis para o leitor brasileiro algumas das ideias centrais que fundamentam o método de De Martino, construído de maneira interdisciplinar – entre história, filosofia e psicanálise. Tarefa extremamente complexa é encontrar termos do português que deem conta da linguagem nuançada e ao mesmo tempo densa, que respeitem o estilo caracterizado por construções longas e períodos cheios de imagens, bem como o vocabulário original, de não imediata compreensão inclusive na própria língua italiana. A linguagem demartiniana é complexa, às vezes redundante, rica de ecos filosóficos, citações clássicas e referências eruditas, nem sempre facilmente identificáveis, que não fazem parte da bagagem da antropologia contemporânea.

Essas dificuldades são salientadas por Philippe Sartin, em sua introdução à tradução de “Fenomenologia religiosa e storicismo assoluto”, artigo de 1954, introdução necessária para contextualizar a polêmica entre o autor (e da Escola italiana de História da Religiões de maneira geral) com a fenomenologia religiosa.

O objeto desse artigo consiste numa crítica radical às interpretações irracionalistas da religião – representadas, na ótica demartiniana, pela fenomenologia de Gerardus van der Leeuw (1890-1950) –, que se baseiam na identificação empática entre sujeito e objeto, na reduplicação descritiva e na revivência do fenômeno religioso, entendido em seus próprios termos. Sartin alerta oportunamente para o fato de a fenomenologia religiosa, fortemente criticada por De Martino, ser, de fato, a vertente pela qual a história das religiões desenvolveu-se no Brasil, influenciando boa parte da antropologia da religião produzida nesse contexto.

As outras duas traduções não precisam de introduções, pois abordam textos e conceito amplamente trabalhados por todos os artigos. É o caso de “Crisi della presenza e reintegrazione religiosa”, publicado originalmente em 1956, traduzido aqui por Daniel Ribeiro Pereira. Nesse texto, De Martino retoma a noção de “crise da presença”, explorada anteriormente na obra *Il mondo magico*, de 1947, quando buscou refletir sobre a história da vida mágica e religiosa nas chamadas culturas primitivas. Assim, ele define crise da presença, a partir do arcabouço filosófico mencionado anteriormente, como um risco permanente que atravessa a relação do sujeito com o mundo em face daquilo que o autor denomina de o “poder do negativo”, ou seja, das condições adversas que ameaçam a existência humana. Diante desse risco, as práticas mágicas, construídas pela civilização meridional, ofereceriam uma resolução cultural.

Renata Medeiros Paoliello, finalmente, oferece-nos uma importante contribuição ao traduzir “Apocalissi culturali e apocalissi psicopatologiche”, conferência proferida em 1964 – e, posteriormente, o último artigo do autor – considerada um dos pontos de partida para a elaboração da obra *La Fine del Mondo – contributo all’analisi delle apocalissi culturali*. De Martino aborda o tema do Fim do Mundo a partir da noção de “apocalipses culturais”, por ele definida como manifestações de finitude culturalmente vivenciadas e representadas. Está clara aqui a tensão com a ciência médica, notadamente a psiquiatria que, se, por um lado, trata a questão como sintoma supersticioso e patológico, por outro lado, oferece os instrumentos para compreender a origem e as modalidades de surgimento e desenvolvimento da crise. É este o ponto de partida para a análise demartiniana, não apenas do simbolismo mítico-ritual que informa os movimentos proféticos tradicionais, mas também daquele “apocalipse sem *eschaton*” constituído pela literatura e a arte “da crise” que marcou a inquietação profunda da Europa do século XX: uma verdadeira antropologia do mundo contemporâneo.

Deixamos ao leitor o juízo sobre a validade da reflexão demartiniana para pensar nosso mundo, nesses tempos apocalípticos.

Cristina Pompa é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp) e professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Marcus Vinícius Barreto é Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor substituto do Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

REFERÊNCIAS

- Agnolin, A. (2013). *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas.
- Almeida, R. (2003). A Guerra das Possessões. In A. Oro, A. Corten, & J-P. Dozon. (orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus. Os Novos Conquistadores da Fé* (pp. 321-342). São Paulo: Paulinas.
- Asad, T. (2010[1993]). A construção da religião como categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, 19, 263-284. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v19i19p263-284>
- Botta, S. (2023). El laboratorio de la crisis de la presencia. El chamanismo como categoría analítica problemática en Ernesto De Martino. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 90-113. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.86729>
- Capozzi, S. (2023). Techniques of presence. Beyond presence and its crisis. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 114-130. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.86786>
- Csordas, T. (2008 [2002]). *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- De Martino, E. (2005). *The land of remorse: a study of Southern Italian tarantism*. (Trad. e notas de Dorothy Zinn). London: Free Association Books.
- De Martino, E. (2015). *Magic: a theory from the South*. (Trad. e notas de Dorothy Zinn). Chicago: HAU Books.
- De Martino, E. (2022a). Morts et pleurs rituels. *De la lamentation funèbre antique à la plainte de Marie* (Trad. de Alfonsina Bellio e Nicholas Jérôme). Paris: Éditions de l'EHESS (coll. "Anthropologie").
- De Martino, E. (2022b). *Le monde magique*. (Trad. e introd. Giordana Charuty). Paris: Bartillat.
- De Martino, E. (2023a). Fenomenologia religiosa e historicismo absoluto. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 161-179. <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v24i1.86414>
- De Martino, E. (2023b). Crise da presença e reintegração religiosa. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 180-197. <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v24i1.83659>
- De Martino, E. (2023c). Apocalipses Culturais e Apocalipses Psicopatológicos. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 198-222. <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v24i1.86785>
- Gasbarro, N. (2023). Ernesto De Martino: a “vocação” antropológica de um historiador das religiões. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 71-89. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.86773>
- Mancini, S. (2023). O “lamento ritual”, ou do uso estratégico dos estados hipnóticos na crise de luto. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 223-236. <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v24i1.86784>

- Massenzio, M. (2005). *A história das religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra.
- Menezes, R. & Toniol, R. (orgs.) (2021). *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- Meyer, B. (2019). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*. Giumbelli, E. ; Rickli, J.; Toniol, R (orgs.). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Oliveira, R. C. (1977). Antropologia e Filosofia. *Anuário Antropológico*, 1(1), 250-260.
- Pompa, C. (2023). O fim do mundo segundo Ernesto De Martino. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 23-42. <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v24i1.86721>
- Saunders, G. (1993). “Critical ethnocentrism” and the ethnology of Ernesto De Martino. *American Anthropologist*. 95(4), 875-893. <https://doi.org/10.1525/aa.1993.95.4.02a00060>
- Sartin, P. (2023). História, antes de tudo. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 150-160. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.91387>
- Soares, H., & Barreto, M. V. (2023). Lamento, amarração e tarantismo: contribuições da teoria de Ernesto De Martino às pesquisas sobre religiões populares no Brasil. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 43-70. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.86200>
- Stuby, A. (2023). De Martino, E. (1999). *La terre du remords*. Le Plessis-Robinson: Institut Synthélabo. 494 pp. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 316-320. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.86361>
- Tassinari, T. (2023). Carlo Ginzburg, leitor de Ernesto De Martino: aproximações e distanciamentos. *Campos – Revista de Antropologia*, 24(1-2), 131-155. <https://dx.doi.org/10.5380/CRA.V24I1.86092>
- Tavares, F., & Bassi, F. (orgs.) (2012). *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUFBA.
- Trindade, L. (2015). *Ernesto De Martino: o mundo mágico do sul da Itália*. São Paulo: Terceira Margem.

ENTRE PRANTOS, POSSESSÕES E MORDIDAS: A QUESTÃO RELIGIOSA EM ERNESTO DE MARTINO

Resumo: Apresentação ao dossiê dedicado ao antropólogo, filósofo e historiador das religiões italiano Ernesto De Martino (1908- 1965), uma figura central na história do pensamento europeu do século XX, quase desconhecida no Brasil.

Palavras-chave: Antropologia da religião; Ernesto De Martino.

BETWEEN LAMENTATIONS, POSSESSIONS AND BITES: THE RELIGIOUS QUESTION IN ERNESTO DE MARTINO

Abstract: Introduction to the dossier dedicated to the Italian anthropologist, philosopher and historian of religions Ernesto De Martino (1908-1965), a central figure in the history of 20th century European thought, virtually unknown in Brazil.

Keywords: Anthropology of religion; Ernesto De Martino.

ENTRE LAMENTOS, POSESIONES Y MORDISCOS: LA CUESTIÓN RELIGIOSA EN ERNESTO DE MARTINO

Resumen: Presentación del dossier dedicado al antropólogo, filósofo e historiador de las religiones italiano Ernesto De Martino (1908-1965), figura central en la historia del pensamiento europeo del siglo XX, prácticamente desconocido en Brasil.

Palabras clave: Antropología de la religión; Ernesto De Martino.

RECEBIDO: 16/03/2023

APROVADO: 12/08/2023

PUBLICADO: 01/07/2024



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC